

AUTORA DA SÉRIE DIVERGENTE, BEST-SELLER MUNDIAL

VERONICA ROTH

GAROTA-



PROPAGANDA

A BUSCA POR UMA GAROTA DESAPARECIDA...
E OS SEGREDOS SOMBRIOS REVELADOS PELO CAMINHO.

 **Plano Alpha**
TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

VERONICA ROTH

GAROTA-PROPAGANDA

 Planeta minotauro

Tradução

Fernanda Cosenza

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Veronica Roth, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Fernanda Cosenza
Todos os direitos reservados.
Título original: *Poster Girl*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou são usados de maneira fictícia, não devendo ser interpretados como real. Qualquer semelhança com eventos reais, locais, organizações, ou com pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incorporadas em artigos e resenhas.

PREPARAÇÃO: Ligia Alves
REVISÃO: Andréa Bruno e Renato Ritto
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Jaya Miceli
ADAPTAÇÃO DE CAPA: Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Roth, Veronica
Garota-propaganda / Veronica Roth; tradução de Fernanda
Cosenza. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
288 p.

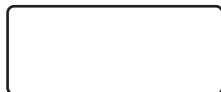
ISBN 978-85-422-2152-7
Título original: *Poster Girl*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica 3. Distopia I. Título
II. Cosenza, Fernanda

23-1592

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

UM



QUANDO PENSA NO TEMPO DE ANTES, É DA SESSÃO DE FOTOS QUE ELA SE lembra. A mulher que fez sua maquiagem tinha cheiro de lírios-do-vale e spray de cabelo. Quando se inclinava para pincelar o blush em seu rosto, ou para cobrir uma manchinha com a ponta do dedo pintada de bege, Sonya ficava olhando para as sardas no colo dela. Quando terminou, a mulher passou óleo nas mãos e deslizou-as pelo cabelo de Sonya para deixá-lo bem liso.

Em seguida, levantou um espelho para que ela se visse, e os olhos de Sonya foram primeiro para o rosto da mulher, parcialmente oculto pelo vidro. Depois, para o halo pálido de seu Insight, um círculo de luz ao redor da íris direita. Ele brilhou ao reconhecer o Insight de Sonya.

Agora, uma década depois, ela tenta se lembrar de como era seu reflexo naquele momento, mas só consegue visualizar o resultado: o cartaz. Nele, seu rosto jovem está observando um horizonte que não se vê. Um dos slogans da Delegação a envolve na parte de cima:

O QUE É CERTO

E na parte de baixo:

É CERTO.

Ela se lembra do flash da câmera, da mão do fotógrafo estendida para o lado, mostrando a direção para a qual ela deveria olhar, da música suave do piano tocando ao fundo. A sensação de estar bem no centro de alguma coisa.

ELA SOLTA UM TOMATE CEREJA DO CAULE E O COLOCA NA CESTA JUNTO COM os outros.

— Folhas amareladas são sinal de água demais — diz Nikhil. Ele franze a testa, olhando para o livro em seu colo. — Não, calma... Também pode ser de menos. Bom, qual dos dois?

Sonya se ajoelha sobre o cascalho no terraço do Bloco 4, cercada de plantas. Foi Nikhil quem construiu os canteiros. Toda vez que alguém no prédio morria, ele pegava os móveis em pior estado e os desmontava, separando pregos e parafusos e o que mais desse para aproveitar da madeira. Por causa disso, os canteiros são uma mistura de cores e texturas diferentes, uma ripa de mogno envernizado aqui, um pedaço de carvalho rústico ali.

Para além do terraço se estende a cidade. Ela não presta atenção na paisagem. Como se fosse o pano de fundo de uma peça da escola, um cenário pintado num lençol.

— Eu já falei que esse livro não presta — diz ela. — Quando se trata de planta, o único jeito de aprender alguma coisa é por tentativa e erro.

— Talvez você tenha razão.

Essa é a última colheita do ano. Logo eles vão remover as plantas mortas dos canteiros e cobri-los com uma lona para proteger o solo. Vão guardar todas as ferramentas no barracão, para que fiquem secas, e descer com os vasos de hortelã até o apartamento de Sonya, onde poderão mastigar as folhas durante o inverno. Em janeiro, depois de meses à base de comida enlatada, eles vão estar desesperados por alguma coisa fresca.

Ele fecha o livro. Sonya pega a cesta.

— Melhor a gente ir — diz ela. — Senão vão acabar todas as coisas boas. É sábado. Dia de feira.

— Estou de olho naquele rádio quebrado há dois meses, e ninguém pareceu se interessar. Ele vai continuar lá.

— Nunca se sabe. Você se lembra de quando passei três semanas na dúvida sobre aquele suéter velho e acabei perdendo no último segundo para o sr. Nadir?

— Mas você ficou com o suéter, no fim das contas.

— Porque o sr. Nadir *morreu*.

Nikhil dá uma piscadinha.

— Todo fim é um recomeço.

Eles vão juntos até o topo da escada. Andando no ritmo de Nikhil – os joelhos dela já não são mais o que eram, e a descida até o pátio é longa. Ela pega um tomate da cesta e o leva até o nariz.

Nunca fez jardinagem quando era criança. Tudo que aprendeu foi fruto dos próprios erros – e do tédio. Mas ainda associa o aroma doce e terroso com o verão, e se lembra da aura de calor pairando sobre a calçada, das cordas tensionadas na raquete de badminton, da sangria vermelho-arroxeadada que a mãe preparava, uma rara indulgência.

— Não vai comer o nosso produto — diz Nikhil.

— Eu não ia comer.

Os dois chegam à base da escada e atravessam o pátio. O lugar é verde e caótico, e as árvores pressionam o prédio que as cerca, arranhando as janelas daqueles mais sortudos por terem uma vista. Sonya tem inveja dessas pessoas. Elas podem fingir. As outras, como Sonya, cujas janelas dão para a cidade além da Abertura, são confrontadas diariamente com o fato de serem prisioneiras. Três andares abaixo da janela de Sonya há uma espiral de arame farpado. Em frente, a lojinha de esquina caindo aos pedaços anuncia cinco minutos com um binóculo por um valor fixo. Tinha prendido um cobertor nas janelas há dez anos e nunca mais tirara.

A sra. Pritchard está ajoelhada na beira do jardim, o cabelo grisalho preso num coque. Ela cava em volta das raízes de um dente-de-leão com uma pá feita de colheres amarradas. Suas mãos estão nuas, e a aliança de casamento ainda reluz no dedo, embora o sr. Pritchard tenha sido executado há muito tempo. Senta-se sobre os próprios calcanhares.

— Bom dia — diz ela.

O Insight no olho direito brilha quando ela faz contato visual com Sonya, e mais uma vez quando olha para Nikhil. Um lembrete de que, mesmo com a queda da Delegação, alguém ainda pode estar observando.

— Já é dia de feira? — pergunta a sra. Pritchard. — Eu perco a noção. Mesmo ajoelhada na terra, a aparência da sra. Pritchard está perfeita, a camisa sem um amarrotado enfiada para dentro da calça. Ela já reformou algumas roupas para Sonya no passado, depois que Lainey Newman morreu e os pertences dela foram redistribuídos na Abertura.

— Bom dia — responde Nikhil.

— Bom dia — diz Sonya. — Pois é, Nikhil cismou que quer um rádio quebrado.

— Um rádio quebrado que Sonya vai consertar — diz Nikhil.

— Eu não entendo nada de rádios.

— Você vai dar um jeito. Sempre dá.

A sra. Pritchard faz um som abafado pelos lábios fechados e em seguida diz:

— Esses tomates valem mais do que um rádio. O que ia querer ouvir de... — Ela faz um gesto em direção à parede externa da Abertura. — Lá de fora?

— Ainda não sei direito — diz ele. — Acho que vou descobrir quando tiver um rádio.

Ela muda de assunto.

— Vocês falaram com o Bloco 1 sobre a organização das patrulhas para a visita?

— Anna me garantiu que eles estão cuidando disso.

— Porque a gente não pode ter outro *incidente* igual àquele de três anos atrás.

— Claro que não.

— Não podemos deixar que eles pensem em nós como um bando de animais selvagens...

Três anos atrás, quando os três líderes do governo *lá de fora* tinham visitado a Abertura, um monte de bêbados do Bloco 2 atirou garrafas neles. Durante semanas depois disso, as entregas para a Abertura foram suspensas. Algumas pessoas não tinham o que comer. É do interesse de todos manter a paz durante as visitas de fora – mas, devido à política de não intervenção dos guardas, cabe aos prisioneiros policiarem uns aos outros.

— Mary — diz Sonya. — Não queremos interromper seu trabalho. Nos desculpe.

Ela sorri. A sra. Pritchard dá uma fungada e pega a pá improvisada. Sonya e Nikhil seguem seu caminho.

Atravessam o túnel de alvenaria que os conduz ao outro lado do beco. Enquanto caminha, Sonya desliza o dedo sobre os nomes gravados no tijolo. Não existem túmulos para as pessoas que eles perderam; tudo que têm são os nomes. O piso do túnel está coberto de cera de vela, resquícios dos enlutados. Com frequência, ela pensa que a cera deveria ser raspada do chão e derretida para produzir velas novas, mas ninguém faz isso. Embora todo mundo ali na Abertura já tenha se acostumado a engolir o sentimentalismo, aquelas paredes são intocáveis.

— Obrigado — diz Nikhil. — Faz semanas que ela está me perturbando com isso.

— Tem sempre alguma coisa. Semana passada ela estava irritada por causa dos sacos de lixo acumulados perto da lixeira. Como se a gente tivesse algum controle sobre a frequência da coleta.

Antes de sair do túnel, Sonya estende a mão para o nome que ela mesma gravou ali, empunhando uma chave de fenda em cima de um banco empenado. *David*. As pontas de seus dedos ficam sujas de terra.

A Abertura tem duas ruas: a rua Verde e a rua Cinza, as cores da Delegação. Elas dividem a Abertura em quadrantes, e em cada quadrante fica um prédio de apartamentos idêntico. O deles é o Bloco 4, onde moram diversos viúvos e Sonya.

A feira fica no centro da Abertura, onde as duas ruas se cruzam. Sonya se lembra de como eram as feiras de verdade: fileiras de barracas de madeira com cobertura de lona para protegê-las da chuva. Aqui, todo mundo traz o que tem para trocar, e alguns espalham seus itens sobre mantas, enquanto outros ficam andando de um lado para o outro fazendo ofertas. Quase tudo é lixo, mas lixo pode ser útil, um conjunto de colheres vira uma pá, uma mesa bamba se transforma num canteiro de plantas.

Ela não se esqueceu de como era a sensação de bons produtos. O toque frio da seda deslizando nos braços nus. O barulho de sapatos novos sobre um piso de madeira. A unha vincando um papel de presente no Natal. A mãe dela sempre comprava papel verde e dourado.

Nem tudo o tempo leva embora.

Se aproxima de Nikhil quando eles cruzam com um grupo de homens de idade mais próxima à dela. Sonya sabe o nome de todos eles – Logan, Gabe, Seby, Dylan –, e justamente por isso finge não os ver. O grupo está espalhado, um deles apoiado na parede do Bloco 2, outro no meio da rua, outro agachado no meio-fio e o último com a mão encostada no poste de luz.

— *Garota-Propaganda* — cantarola Logan, girando no poste, segurando-se com a ponta dos dedos.

Mesmo antes de ir para a Abertura, as pessoas a chamavam assim. Em geral porque reconheciam seu rosto, mas não sabiam seu nome. Costumava soar como um elogio quando ela tinha dezesseis anos e estava finalmente saindo da sombra da irmã mais velha. Não soava mais.

— Não dá para fingir que não conhece a gente na Abertura, Sonya. É um mundo pequeno do cacete — diz Gabe, vindo para perto dela. Ele envolve o ombro de Sonya com um dos braços. — Por que não sai mais com a gente?

— Deve se achar boa demais para nós — diz Seby. Ele cutuca os dentes com a unha.

— E aí, você se acha? — Gabe pergunta com um sorriso. Ele cheira a bebida caseira e sabonete de lavanda. — Não é assim que eu me lembro.

Sonya afasta o braço dele e lhe dá um empurrão de leve.

— Vai encher o saco de outro, Gabe.

Os quatro riem dela.

— Boa tarde, rapazes — Nikhil intervém. — Espero que não estejam arrumando confusão.

— Claro que não, sr. Price. Só botando o assunto em dia com a nossa velha amiga.

— Estou vendo — diz Nikhil. — Bom, acontece que nós precisamos resolver um assunto, então vamos indo.

— Com certeza, sr. Price.

Gabe dá um adeusinho para ela agitando os dedos, mas não vai atrás deles.

O Bloco 2, onde foi parar a maioria dos jovens depois de serem presos, é o lugar mais caótico da Abertura. Logan estudava na mesma escola de Sonya, algumas séries acima dela. No ano anterior quase tinha botado

fogo no Bloco 2 tentando cozinhar um tipo de droga com remédio para gripe. E o pátio do prédio está sempre tomado pelas nuvens que emanam da fermentação de bebidas alcoólicas caseiras. Antes ela conseguia identificar quem tinha feito cada lote pelo modo como o nariz queimava e a garganta ardia. A única coisa que o pessoal do Bloco 2 quer é matar o tempo.

A rua Cinza encontra a Verde num trecho de pavimento rachado, agora coberto de mantas velhas com aglomerados de todo tipo de coisa: montes altos de roupas manchadas ou rasgadas, pilhas de latas com os rótulos descascados, cordões com a ponta desfiada, cadeiras dobráveis, travessieiros empelotados, panelas amassadas. Em sua maioria, são refugos, doações de pessoas de fora da Abertura. A organização responsável pela coleta, Mãos da Misericórdia, vem todo mês com novos itens e sorrisos constrangidos.

Às vezes as pessoas vendem as coisas novas que produzem com as velhas, uma vassourinha improvisada com um monte de fios, fronhas costuradas com retalhos de tecido, bandejas feitas com livros de capa dura. São os objetos de que Sonya mais gosta. Parecem novos, e quase nada ali é.

— Olha, eu não falei? — Nikhil pega um rádio-relógio antigo. O display frontal é ladeado por duas caixas de som. Preto e compacto, lascado nas bordas. Os fios saem pela parte de trás. Georgina, residente do Bloco 1, está em cima de um engradado velho atrás do cemitério de eletrônicos.

— Não funciona — diz ela.

O papo de vendedora não é o forte dela.

Sonya pega o rádio das mãos de Nikhil e espia a parte de trás como quem confere o mecanismo interno.

— Sei não — diz ela para Nikhil. — Talvez não dê para consertar.

Ela não é formada em mecânica de rádios antigos. Nem em cultivo de tomates no terraço de prédios caindo aos pedaços, tampouco em se defender de homens vagabundos que já estão bêbados ao meio-dia. Aprendeu muitas lições ali na Abertura que não tinha interesse nenhum em aprender. Mas Nikhil parece otimista e gostaria que ela tivesse um projeto, então Sonya abre um sorriso.

— Vale a tentativa — diz ela.

— É assim que se fala.

Ele negocia com Georgia. Três tomates por um rádio quebrado. Não, Georgia retruca. Sete.

A alguns metros dali, Charlotte Carter acena chamando Sonya.

Ela parece uma personagem, com seu vestido de algodão, a trança longa e a pele pontilhada de sardas e manchas da idade. Seus olhos ficam vincados nos cantos quando ela sorri para Sonya.

— Sonya, querida — diz ela. — Pode me fazer um favor?

— Talvez. Do que você precisa?

— Meu irmão, Graham. Do Bloco 1. Sabe quem é?

É uma pergunta boba. Todo mundo se conhece na Abertura.

— Já nos vimos.

— Sim, isso. Então, a última boca de fogão dele parou de funcionar ontem, e agora ele não consegue cozinhar nada. — Ela franze os lábios.

— Ele está usando o do meu apartamento.

— Tenho que ver se a gente tem alguma boca de fogão sobressalente — diz Sonya.

— Hoje à noite? — Charlotte parece ansiosa. Os tendões saltam de sua garganta. — Não quero te apressar, é só que em geral ele vai lá cozinhar e depois acaba... *ficando*.

Sonya prende o riso.

— Eu tenho uma festa hoje à noite. Mas posso ir de manhã.

— Ah, sim — diz Charlotte. — A festa de despedida, esqueci.

Sonya ignora a decepção no rosto de Charlotte.

— Amanhã de manhã?

— Sim, pode ser.

Nikhil e Georgia ainda estão discutindo. Sonya volta para junto deles a tempo de ouvir Georgia acusando Nikhil de ter lhe dado tomates podres da última vez que comprou alguma coisa, e em seguida pigarreia.

— Cinco tomates — diz Sonya. — É uma oferta generosa e não vou repeti-la.

Georgia suspira e depois concorda. Sonya lhe entrega os tomates.

Nikhil às vezes passa o dia na feira, conversando com todo mundo. Mas ela não. Sonya volta para o Bloco 4 com o rádio-relógio debaixo do braço, sozinha.

Ela pega o tomatinho que roubou e dá uma mordida, o gosto de verão se derramando na língua.

SONYA TEM UM ÚNICO VESTIDO BOM. APARECERA NUMA PILHA DE DOAÇÕES das Mãos da Misericórdia dois anos antes, uma surpresa amarelo-clara. Ela notou que as outras pessoas olhavam para ele com anseio, e sabia que o ato mais generoso – aquele que teria lhe rendido DesMoeda na Delegação – seria deixá-lo para uma das meninas mais novas. Mas não conseguiu se desapegar dele. Dobrou-o por cima do braço e levou-o para casa, onde ficou pendurado na frente do cobertor durante semanas, feito um sol pintado.

Agora ele fica guardado debaixo da cama, numa caixa de papelão junto com o restante de suas roupas. Sonya tira o vestido dali e dá uma sacudida nele, levantando poeira no ar. Está amassado na cintura, onde ela fez a dobra, mas não há muito o que fazer. A sra. Pritchard é a única no prédio que tem um ferro.

Enquanto se veste, ela pensa na mãe. Julia Kantor sempre ia a festas. Para se arrumar, ela se sentava no banco da penteadeira com acolchoado botônê e torcia o cabelo num penteado alto. Derramava uma gota de perfume no dedo e dava batidinhas atrás da orelha. Remexia a gaveta de joias para encontrar os brincos ideais – de pérola, de diamante ou as argolinhas de ouro. Suas mãos eram tão elegantes que aquilo tudo parecia uma mímica elaborada.

Sonya leva a mão à própria nuca – nua, porque agora ela corta o cabelo com máquina, mas é difícil se livrar do hábito. Torce a mão nas costas para puxar o zíper para cima. O caimento do vestido não é perfeito, folgado demais na cintura, apertado nos ombros. Desce até os joelhos.

A festa é no pátio do Bloco 3. Ela vai ter que passar pelo Bloco 2 para chegar lá, por isso esconde uma faca pequena no bolso.

Dessa vez, porém, a rua Cinza está vazia. Ouve gritos e risadas que vêm de um dos apartamentos, uma batida de música, um barulho de vidro espatifando. O som arrastado dos próprios passos. Atravessa o centro da Abertura, onde já não há mais sinal da feira. Salta por cima de uma rachadura e pega o túnel que conduz ao pátio do Bloco 3.

Se o Bloco 4 é um lugar de lembranças e o Bloco 2 é um lugar de caos, o Bloco 3 é um lugar de fingimentos. Não de ignorar a existência do mundo externo, mas de fingir que a vida na Abertura pode ser tão boa quanto lá fora. O Bloco 3 abriga casamentos, jantares, jogos de pôquer; eles dão aulas; fazem ginástica em grupos pequenos, correm para cima e para baixo da rua Verde e da rua Cinza, sobem e descem as escadas do prédio.

Sonya não é boa em fingir.

O pátio não é tão bem cuidado quanto o do Bloco 4, mas são poucas as ervas daninhas, e alguém podou as árvores para que não encostem nas janelas que dão para a área interna. Há um fio com várias lâmpadas pendurado de um lado ao outro; apenas algumas estão queimadas. Uma mesinha foi posta do lado direito, e a luz dos tocos de vela tremula dentro dos potes de vidro.

— Sonya! — Uma mulher jovem poussa uma cesta de pães na frente das velas, bate as mãos para limpá-las e vai em direção a Sonya. Ela se chama Nicole.

Sonya dá um abraço nela, e a lata que levou fica pressionada contra suas costelas.

— Ah — diz Nicole. — O que você trouxe?

— Seu preferido — diz Sonya, mostrando a lata. O rótulo está meio apagado, mas a figura continua perfeitamente visível: pêssego em calda.

— Uau. — Nicole segura a lata com as duas mãos, e o gesto faz Sonya se lembrar de quando caçava borboletas na infância, de como espiava pela fresta entre as mãos para ver as asas delas. — Não posso aceitar! Chegam aqui o quê? Uma vez por ano?

— Guardei justamente para a ocasião — diz Sonya. — Desde que aprovaram o Ato.

Nicole abre um sorriso torto, meio satisfeito, meio triste. O Ato dos Filhos da Delegação fora aprovado meses atrás autorizando que os moradores da Abertura que tivessem entrado ali na infância fossem libertados de volta à sociedade. Nicole é uma das mais velhas a receber autorização para sair. Tinha dezesseis anos quando fora presa.

Sonya tinha dezessete. Não vai a lugar nenhum.

— Deixa eu pegar um abridor de lata — diz Nicole, mas Sonya tira a faca do bolso. Abre um círculo perfeito no topo da lata, depois dá uma

batidinha para levantar um dos lados. Outras pessoas estão chegando, mas por um instante são apenas Sonya e Nicole, paradas lado a lado com os dedos grudentos de calda. Sonya engole uma fatia de pêssego doce, fibrosa e ácida. Lambe a calda dos dedos. Nicole fecha os olhos.

— O sabor não vai ser igual lá fora, né? — diz ela. — Porque aí vou poder comer quando quiser e eles não vão mais parecer tão bons.

— Talvez — diz Sonya. — Mas você vai poder comer outras coisas também. Coisas melhores.

— É justamente disso que estou falando. — Nicole pega outra fatia de pêssego com os dedos em pinça. — Não importa o que eu coma, nada nunca vai ter um gosto tão bom quanto esse de agora.

Sonya olha por cima do ombro de Nicole para as pessoas que acabaram de chegar: Winnie, a mãe de Nicole, uma mulher de olhos grandes e bondosos que mora no Bloco 1; Sylvia e Karen, as amigas de Winnie, com o mesmo penteado ondulado feito com latas de refrigerante; e algumas pessoas do Bloco 3, incluindo os outros que eram velhos demais para serem contemplados pelo Ato. Renee e Douglas, que se casaram dois anos atrás naquele mesmo pátio, e Kevin e Marie, que noivaram recentemente. Marie está usando o antigo anel de formatura de Kevin, preenchido com cera para caber no dedo direito dela.

— Bonito vestido, srta. Kantor — Douglas fala para ela. Da última vez que o viu, estava ficando meio calvo, mas agora a cabeça dele está raspada e a barba cresce de forma densa. — Surrupiou de alguma viúva?

— Não.

— Foi uma brincadeira — diz ele.

— Percebi.

— Então tá. — Douglas faz uma careta para Renee. — Plateia difícil de agradar.

— Você não sabia? A Garota-Propaganda agora é uma estraga-prazer do cacete — diz Marie.

Ela vai até a mesa e enfia a mão na lata de pêssegos. Também está usando um vestido, composto por uma camisa e uma saia costuradas juntas na cintura. No pulso, a tatuagem borrada de um sol.

— O Bloco 4 é o lugar onde o bom humor morre. Às vezes literalmente.

— Marie — diz Kevin, numa voz abafada. — Não vai...

— Pois é, eu lamento muito não participar de toda a diversão que rola no Bloco 3 — diz Sonya. — Esse clube de ginástica matinal que vocês começaram parece mesmo um arraso.

Os lábios de Marie se crispam, mas Renee dá uma risada.

Nicole levanta os olhos, em seguida aponta para o alto quando um avião sobrevoa a Abertura. Todo mundo para e observa. É um evento raro a ponto de chamar a atenção até mesmo daqueles que não fazem questão de sair da Abertura. Evidência de outros setores, outros mundos além do deles. Viajar entre setores era algo quase inconcebível sob a Delegação, e não parecia ter se tornado muito mais comum sob o Triunvirato.

— Você está na patrulha de amanhã? — Winnie pergunta para Douglas. Os olhos dela estão afetuosos e preocupados. — Tive a impressão de ter visto seu nome na lista de voluntários.

— Eu não ia querer ficar de fora dessa animação toda — diz Douglas.

— Espero que não tenha animação nenhuma — diz Winnie. — Não gosto da ideia de vocês, rapazes, terem que assumir essa responsabilidade.

— Política de não intervenção — Douglas diz, dando de ombros. — Os guardas servem para manter a gente aqui, não para garantir o nosso bom comportamento.

— Parece até que eles querem ver o circo pegar fogo aqui dentro.

— A alternativa é pior — diz Sonya, um pouco alto demais. Todos olham em sua direção, e ela endireita a postura. — Eu não ia querer que *eles* decidissem o que significa “bom comportamento”, vocês não acham?

Na Abertura, há aqueles que ainda confiam no antigo regime sob o qual viviam, a Delegação, como parâmetro do que é bom. Outros simplesmente não se importam com a noção de “bom”. Qualquer que seja o caso, o acordo tácito entre todos é não confiar no governo externo, o Triunvirato. Ninguém que os mantenha trancafiados ali, que tenha participado da execução de tantos de seus entes queridos, poderia ser capaz de alguma bondade. Mesmo quando Sonya não tinha qualquer interesse em seguir as regras da Delegação, continuava odiando o Triunvirato – os supostos justiceiros que mataram sua família, seus amigos, Aaron.

— Bom — diz Winnie, fungando. — Acho que não.

O vento começa a soprar no pátio. O céu escurece, e as luzes cintilam acima deles. Sonya pega outro pêssego discretamente, pergunta a Sylvia

como vai o joelho ruim, explica a Douglas o que fazer para consertar o ventilador velho. Nicole circula de uma pessoa a outra, falando sobre a nova identidade designada pelo governo e todas as coisas que pretende fazer na primeira semana lá fora. Não vai morar ali perto; vai pegar um trem para Portland, recomeçar a vida com um novo nome. Comprar um litro de leite, sentar-se na margem do rio e beber até a última gota. Sair para dançar. Andar por aí a noite toda, sem motivo, só porque ela pode.

A certa altura, Renee dá uma cutucada em Sonya com o cotovelo.

— Tem uma galera indo para o terraço fumar um cigarro. Quer vir? — pergunta ela.

— Eu quero dormir cedo — diz Sonya.

Renee dá de ombros e se junta ao grupo. Sylvia e Karen estão indo embora. As velas já queimaram até o fim. O rosto de Nicole está brilhante de lágrimas. Sonya dá mais um abraço nela.

— Não acredito que eles não vão deixar você sair — diz Nicole, seu hálito quente e forte contra o ouvido de Sonya.

Sonya estica os braços e afasta Nicole para poder olhar para ela, pensando que este é um bom jeito de se lembrar dela: sob a luz fraca, com o cabelo bagunçado pelo vento, os olhos marejados, sentindo raiva em defesa da amiga.

— Vou sentir saudade — diz ela.

Nicole lhe dá a calda dos pêssegos para beber. Ela vai dando pequenos goles enquanto volta devagar até o Bloco 4, saboreando.

SONYA ACORDA NAQUELA NOITE COM UM SOM ALTO E SECO, COMO UM chicote estalando. Fica sentada na cama e, pelo brilho do Insight, vê que o baú que ela deixa atravessado contra o batente da porta – a única “tranca” que conseguiu providenciar – ainda está no lugar.

Descalça, vai até a janela e puxa o cobertor que estava usando para cobri-la. A rua lá embaixo está vazia. O vento faz uma folha de jornal voar sobre a calçada esburacada. As portas de metal cobrem a vitrine da loja na esquina feito pálpebras fechadas.

Ela pensa no vídeo que o pai lhe mostrou quando era criança, projetando-o de seu Insight para o dela. Imagens de uma rua enfumaçada onde

um conflito se desenrolava. Carros atravessados, postes de iluminação tombados. E, vindo de todas as direções, o som agudo e cortante de tiros.

Ele ficou sentado ao lado de Sonya no sofá enquanto ela repetia o vídeo várias vezes com o implante. *O mundo era assim*, disse ele, *antes da Delegação*. Mostrar o vídeo lhe custara duzentas DesMoeda... crianças não deveriam assistir àquele tipo de coisa. Mas o sacrifício valera a pena para ele, uma resposta às perguntas dela.

A lua crescente está alta, quase cheia. Mais um mês se passou. O tempo segue sua marcha.

Ela volta a dormir.

NO PRINCÍPIO, QUANDO ALGUÉM MORRIA NA ABERTURA, ELES FICAVAM feito abelhas que desertam da colmeia e abandonam a cera e o mel – ninguém pegava o que o morto havia deixado para trás. Mas logo as regras de propriedade tiveram que mudar por força das circunstâncias. Agora, quando alguém morre, todo mundo no prédio invade o local e vasculha os pertences da pessoa até que a única coisa que resta é o favo de mel destruído. Quando Sonya precisa de alguma peça, consulta o mapa do prédio que fica na escadaria sul, onde os apartamentos vazios estão marcados com um X vermelho, e escolhe em qual unidade procurar refugos.

Este – o apartamento 2C, antes pertencente ao sr. Nadir – cheira a comida queimada e gatos. Não existem gatos na Abertura, então deve ter sido algum aroma que o sr. Nadir trouxe com ele. Ela já estivera ali antes. Passara ali algumas vezes para consertar as luminárias de teto dele – a parte elétrica do apartamento do sr. Nadir sempre tinha sido problemática. Uma única vez, para jantar. E outra vez, após a morte dele, para buscar a pequena geladeira, que arrastou sozinha por quatro lances escada acima.

O fogão está quebrado, mas as bocas do fogão, quatro serpentinas frias de metal, ainda funcionam. Ela retira uma delas e guarda na bolsa a tiracolo, depois vai até o banheiro. Ninguém o limpou após a morte dele, então a pia ainda está cheia de respingos secos de pasta de dente, e o espelho está coberto de digitais. Ela se aproxima para olhar uma delas – uma marca de dedão, talvez, com as curvas que eram só dele.

Em seguida, desce a escada até o pátio para encontrar Charlotte.

Dessa vez Charlotte não está usando um vestido de algodão, mas de linho marrom, acinturado. O céu está limpo, e o ar ainda conserva um pouco do calor do verão. Charlotte joga a longa trança por cima do ombro e abre um sorriso para Sonya.

— Bom dia — diz ela. — Dormiu bem?

— Bom dia — responde Sonya. — Ouviu aquele barulho de noite?

— Ouvi — diz Charlotte, e as duas começam a caminhar juntas em direção ao túnel. — Não sei por que estão soltando fogos nesta época do ano, mas podiam pelo menos ter a decência de não fazer isso no meio da noite.

— Não me pareceu barulho de fogos — diz Sonya.

— E o que mais seria?

Sonya balança a cabeça.

— Não sei. Alguma outra coisa.

— Bom, vai saber o que está acontecendo lá fora — diz Charlotte.

Por força do hábito, Sonya olha para o nome de David ao atravessar o túnel. Foi o quarto nome que ela gravou num tijolo na Abertura, mas os nomes de seus familiares estão no túnel que leva ao Bloco 2, onde ela morava antes, então nunca os vê. *August Kantor. Julia Kantor. Susanna Kantor.* Todos mortos.

— Graham trabalhava no necrotério da Delegação — diz Charlotte. Era o gerente, na verdade. Aquela amiguinha sua, Marie, trabalhava para ele. O homem era meio... esquisito. Até quando a gente era criança.

— Vocês não são próximos? — pergunta Sonya.

— Não muito — diz Charlotte. — Eu sei que isso parece horrível. Tenho sorte por ele estar aqui.

Às vezes Sonya se pergunta como teria sido ter a irmã com ela na Abertura. Susanna era quatro anos mais velha e vivia como se Sonya não fizesse parte de sua vida, uma filha única que por acaso tinha uma irmã. Era mais falta de interesse do que maldade. Susanna não precisava de ninguém. De todas as qualidades que Sonya invejava na irmã, essa era a principal.

Ao cruzar a rua Verde na companhia de Charlotte, Sonya olha para a entrada da Abertura. O nome do lugar se deve ao portão. Quando ele

se abre, placas sobrepostas se afastam de um ponto central, e o efeito é como o de uma pupila dilatando no escuro.

Nicole e Winnie estão paradas bem em frente a essa pupila, se abraçando. A bolsa de Nicole está pousada no chão. O guarda no portão, um homem robusto de uniforme cinza, aguarda a alguns metros de distância enquanto elas se separam.

Nicole limpa o rosto, pega a bolsa e faz um aceno para a mãe. Atravessa o centro do portão, e a pupila se contrai atrás dela. Winnie leva a mão à boca para sufocar um soluço.

Charlotte troca um olhar com Sonya.

— Vamos dar um pouco de privacidade a ela — diz Charlotte, e Sonya se vira para o outro lado.

Ela já assistiu a três amigas cruzarem aquele portão: Ashley, Shona e Nicole. Tanto Ashley quanto Shona tinham catorze anos quando foram presas na Abertura – pouco depois de ela ter sido criada, logo após a insurreição, uma década antes. Ambas eram de Portland, então Sonya não as conhecera antes, e só ficou amiga delas depois de mais velhas, quando as duas tinham idade suficiente para sair do apartamento dos pais na Abertura e se mudar para o Bloco 2. Sonya não sabe como foram os primeiros anos delas ali; nunca perguntou. É preciso ter cuidado com as perguntas. Todo mundo ali dentro tem um passado marcado por tragédias.

Agora Sonya pode acrescentar mais uma à lista: é a pessoa mais jovem que sobrou na Abertura.

As duas passam pelo túnel e entram no pátio do Bloco 1. Ela não frequentou muito o Bloco 1 nos anos que passou ali dentro. Se os moradores do Bloco 3 vivem em estado de negação, os do Bloco 1 aceitam a realidade. Um estado de rendição. É a parte da Abertura que mais se parece com um presídio.

Para chegar até a entrada, ela pisa nas ervas daninhas que crescem sem controle, já pendendo sob o próprio peso. A porta range quando Charlotte a empurra. Elas sobem em silêncio até o terceiro andar, onde o corredor cheira a cigarro. Há sacos de lixo amontoados na porta de um, caixas de papelão desmontadas na porta de outro. O carpete está desfiado de um dos lados, soltando-se do piso.

Charlotte bate no apartamento 3B. Em algum lugar tem alguém gritando. Em outro, alguém ouve um solo arrastado de violão.

Graham abre a porta. É um homem de aparência comum: pouco mais alto que Sonya, o cabelo curto e grisalho envolvendo a coroa da cabeça como um xale, pálpebras levemente caídas. A pele embaixo do queixo ficou mole com a idade.

— Srta. Kantor! — diz ele. — Quanto tempo. Olá, Charlotte. Podem entrar, podem entrar.

O apartamento parece um ferro-velho. Ao redor das paredes, caixotes cheios de cacarecos: um com maçanetas e puxadores; outro com caixinhas de papelão; um terceiro com garrafas de vidro vazias. Ela se lembra de que toda semana ele estende sua manta na feira com uma seleção de objetos descartados. Deve ser bastante útil para os residentes do Bloco 2, com a demanda constante que têm por recipientes vazios. Para armazenar a bebida caseira, claro.

— Vejo que vocês já se conhecem — diz Charlotte.

— Eu conheci o pai de Sonya — diz Graham. — Não se lembra do August? Ele era do meu ano na escola. Treinamos juntos na equipe de natação.

— Desculpe, a minha memória não vai tão longe — diz Charlotte.

— Ele vinha almoçar comigo de vez em quando, no necrotério. Bom, não *no* necrotério. Seu pai sempre teve o estômago meio fraco. Ele tampava o nariz quando a gente passava pelas lixeiras atrás do mercado. Os garotos ficavam rindo dele por causa disso, August Kantor, tão delicado... — Ele levanta a cabeça e prende o nariz com o dedão e o indicador para mostrar a ela.

Sonya sorri.

— Ele teria se definido como *meticuloso* — diz ela. — Mas é bem a cara dele mesmo.

— Como ele morreu? Foi executado? — pergunta Graham, e o sorriso de Sonya desaparece.

— Graham! — Charlotte lhe dá um tapa no braço. — Não pergunte uma coisa dessas para ela.

— Não fiz por mal, eu só...

— Não, não foi — responde Sonya. — Charlotte me falou que o seu fogão está quebrado, né?

Graham a conduz até a cozinha e Charlotte vai atrás, com as bochechas vermelhas. Ele mostra as bocas do fogão com defeito, tentando acender uma depois da outra, mas as serpentinas continuam escuras e frias mesmo quando ele mexe nos botões. Sonya pousa a bolsa no chão e vai até a parede dos fundos, onde o quadro de luz fica escondido atrás de uma porta cinza. Localiza o interruptor da cozinha e o desliga.

— Como você aprendeu a fazer essas coisas? — pergunta Graham.
— Uma boa garota da Delegação como você, eu sei que não ensinaram isso na escola.

— Você ficaria surpreso com o tanto de coisa que dá para aprender com um manual e algumas tentativas frustradas — diz Sonya.

— Ela é jovem — diz Charlotte. — Os jovens sempre levam jeito para descobrir essas coisas. Ainda mais num prédio cheio de velhos, onde ninguém sabe fazer nada.

— Você não é velha — diz Sonya.

— Eu disse a mesma coisa quando ela decidiu se mudar para o Bloco 4 — diz Graham. — Mas ela insistiu.

— Posso até não ser velha, mas sou viúva — diz Charlotte. — Eu me sinto em casa ali. Assim como Sonya, depois que...

Ela limpa a garganta.

— Bom — continua ela. — Estamos todos familiarizados com a perda no Bloco 4.

Sonya não está prestando muita atenção. Trocar uma serpentina não é tão difícil – basta soltar a antiga e encaixar a nova. Já fez isso uma dezena de vezes, mas ainda tem gosto pela sensação de saber o que fica onde, de ser a pessoa que põe as peças no lugar.

Ela não tinha muitas habilidades quando era criança, pelo menos não em comparação com a irmã. Susanna era engraçada; sabia dançar; tinha um ouvido musical; tirava notas boas sem ter que se dedicar muito. Sonya era mais bonita, e houve uma época em que isso parecia ser a coisa mais importante de todas. Mas beleza não servia para nada na Abertura, então ela teve que descobrir outras formas de ser útil. Não levava jeito com elétrica, tecnologia, ferramentas, nem qualquer uma dessas coisas que os moradores do Bloco 4 estavam sempre chamando-a para resolver – mas era esforçada, e às vezes isso bastava.

Ela gostava de ser útil.

— Quem você perdeu, Sonya? — Graham lhe pergunta assim que Charlotte vai ao banheiro. Ele é um homem solitário. Sempre fora, e por isso a ideia da perda o fascinava. Afinal, é preciso ter tido uma coisa para conhecer de verdade a sensação de perdê-la.

Ela liga a energia e tenta girar o botão do fogão. Fica com a mão acima da boca do fogão para ver se está esquentando.

Não sabe por que responde à pergunta. Não pretendia fazer isso, mas faz.

— Todo mundo — diz ela a Graham.

Sonya desliga a boca do fogão.

— Prontinho. Obrigada por ter contado a história sobre o meu pai.

— O prazer foi meu — diz ele.

NO DIA EM QUE ELA PERDEU TODO MUNDO:

Eles estão sentados à mesa no chalé, nos lugares de sempre: August numa ponta, Julia na outra, Susanna à direita do pai, Sonya à esquerda. August serve um copo d'água para cada uma delas. Julia cantarola enquanto August tira os comprimidos do vidro: um, dois, três, quatro.

Sonya recita a letra mentalmente.

Você cuida de mim

E eu cuido de você

Cinco, seis, sete, oito. August dá um comprimido para Susanna, um para Julia, um para Sonya e fica com um para si.

Um passo, depois outro...

Nós vamos vencer.

O comprimido é amarelo vivo na palma da mão de Sonya.